

Resenha

Flores ao mar: naufrágios brasileiros na Segunda Guerra Mundial

Odyr Buarque de Gusmão

Contra-Almirante (Ref^{te}) da Marinha do Brasil

BARRETO NETO, Raul Coelho. Flores ao mar: naufrágios brasileiros na Segunda Guerra Mundial. Salvador: 2006, 276 páginas, ilustrado.

Melhor título não poderia ter sido escolhido que *Flores ao Mar*. Ele representa uma tradicional cerimônia, cultuada em todas Marinhas, para homenagear com pompa e circunstância seus mortos sepultados na solidão dos oceanos. É uma maneira nobre de reverenciar os que pereceram no mar, notadamente em operações de guerra, na defesa da soberania de seus países. Torna-se necessário sempre lembrá-los, pois em túmulos de marinheiros não florescem rosas.

Raul Coelho Barreto Neto, de uma nova geração de idealistas, de estirpe marinheira, desde pequeno encantou-se com as tradições da Marinha de seu País. Guardou para si, no recôndito de sua alma e pensamentos, o sonho de tudo desabrochar um dia, colocar em palavras a sublime experiência de seu avô, naufrago da Corveta *Camaquã*. E assim o fez e nos brinda com *Flores ao Mar* – narrativa da guerra no Atlântico Sul em que se destacam inúmeros autênticos depoimentos de oficiais e praças que viveram os marcantes acontecimentos ocorridos nas águas verdes-azuis e, por vezes, traiçoeiras, do oceano que banha a abençoada costa brasileira.

Flores ao Mar é intensamente rico, muito rico mesmo, em depoimentos pessoais, que lhe dão uma autenticidade sem par. Sentimentos guardados no fundo da alma afloram com comoção, já no crepúsculo das existências dos que combateram no Atlântico Sul. Por vezes fogem da narrativa, mas logo a ela regressam pois ninguém pode fugir de seu passado. Há um intenso desejo de registrar para o porvir, para as futuras gerações de marinheiros ou não, suas experiências, por vezes alegres, por vezes cruéis, ambas consolidando amizades que o tempo jamais poderá apagar.

Emocionam-me gestos de abnegação, generosidade e respeito aos seus pares e aos superiores. Ocorreram inúmeros para grandeza de nossa Marinha. Se não resgatados, e o momento é por demais oportuno, perder-se-ão para sempre tornando-nos integrantes de uma Marinha esquecida de seus heróis e descurada de suas glórias.

Todos esses homens, entretanto, não estavam sozinhos. A dedicação e a devoção de suas humildes e autênticas famílias brasileiras, envolvendo sempre suas igualmente batalhadoras e valorosas mulheres, no dia-a-dia e nos momentos de angústia e incertezas, são comoventes. Elas merecem o respeito da Nação brasileira e têm direito conquistado em todas homenagens que brasileiros e brasileiras lhes poderiam e deveriam prestar e que, infelizmente, nada fizeram nem fazem.

Depois de um rápido passar pelos dias que antecederam a decisão do Governo brasileiro em adotar a causa dos Aliados, o livro se fixa na principal razão de ser – os relatos das causas e testemunhos dos sobreviventes dos três navios da Marinha do Brasil que, por causas distintas, foram perdidos durante a guerra. O Navio-Auxiliar *Vital de Oliveira*, a Corveta *Camaquã* e o Cruzador *Bahia*, todos ocorridos em julho, os dois primeiros em 1944, e o Cruzador *Bahia*, um ano depois, em 4 de julho de 1945.

Um fato, entretanto, empolgou, cristalizou, o povo brasileiro – os ataques à Marinha Mercante brasileira, ocorridos quando ainda nem em guerra estávamos e a maneira cruel com que foram desfechados. O povo brasileiro condoído, indignado, levantou-se exigindo ações mais enérgicas de seu governo, que determinou o Estado de Belige-

rância e, finalmente, em 31 de agosto de 1942, o Estado de Guerra contra a Alemanha e a Itália.

O Brasil muito deve aos valorosos comandantes, aos oficiais e às guarnições de seus navios mercantes, as primeiras vítimas, com a perda, durante toda a guerra, de 32 navios. Seus mortos e desaparecidos totalizaram 972 pessoas.

No torpedeamento do Navio-Auxiliar *Vital de Oliveira*, seu Comandante, o Capitão-de-Fragata João Batista de Guimarães Roxo, e seu oficial de quarto, o Segundo-Tenente Osmar Dominguez Alonso, permaneceram em seus postos no passadiço até os momentos finais do afundamento do navio. Comportamentos dignos das melhores tradições de nossa Marinha.

O soçobro da Corveta *Camaquã* foi uma fatalidade, fortuna do mar como alguns o classificam?

Não houve tempo para o abandono organizado tal a rapidez do acontecimento. A maioria conseguiu sobreviver, mas 33 tripulantes perderam a vida pelas mais diversas razões. Dentre estes, destaca-se o Comandante Gastão Monteiro Moutinho que, acidentado com o violento jogo do navio, recusou o socorro. Em anexo, o livro lista todos os que pereceram ou sobreviveram à tragédia.

A guerra no teatro de operações da Europa havia terminado em 8 de maio de 45. Um dos caminhos escolhidos pelos Estados Unidos para repatriar ou deslocar suas tropas para o Pacífico, por via aérea, foi o corredor Dakar-Natal, distância por demais extensa para ser coberta, naquela época, sem pontos de referência no mar para corrigir possíveis erros de navegação ou socorro às tripulações das aeronaves que pousassem ou caíssem ao mar, o que realmente aconteceu, sendo a guarnição salva pelo Contratorpedeiro *Greenhalgh*, de nossa Marinha.

Assim, coube ao Cruzador *Bahia* assumir a estação 13, situada na linha do Equador, a cerca de 500 km da Ilha de Fernando de Noronha e a 900 km de Natal.

Cerca de 9 horas do dia 4 de julho de 1945, o destino interveio e transformou a tranqüilidade existente a bordo na maior catástrofe de toda a história da Marinha do Brasil em sua existência.

O navio afundou pela popa com grande rapidez. Muitos tripulantes, já no mar, atônitos, não acreditavam no que estavam vendo. Afundaram com seu navio o Capitão-de-Fragata Garcia D'Ávila Pires de Carvalho e Albuquerque. Conscientes da tragédia que sobre eles se abateu, nas balsas superlotadas, sem água ou alimentação, os naufragos procuravam se organizar da melhor forma possível. Na contagem inicial procedida, 272 naufragos. O Primeiro-Tenente Lúcio Torres Dias, o único oficial sobrevivente do naufrágio, o Suboficial Vivaldo Vaz e muitos outros que viveram esses angustiantes momentos da grande tragédia, com emoção, relatam suas experiências vividas nos quatro dias à deriva, atacados desde os primeiros momentos por tubarões, águas-vivas, alucinações e terrível sede, que tem a capacidade de destruir o raciocínio, sua capacidade mental, deixando-os ao sabor de fantasias, levando os naufragos, inconscientemente, a sacrificar suas próprias vidas.

Foram cem horas, dias e noites de calor e frio, com esperanças infundadas e frustradas à espera de um socorro que, incompreensivelmente, tardou a chegar. Este chegou de maneira inesperada, com a presença de um velho cargueiro inglês SS *Balfe*, procedente de Cardiff, País de Gales, comandado pelo Capitão Thomas Joseph Sweeney. Um anônimo rapazola de 17 anos, chamado Raymond Charles Highms, ajudante de cozinha do *Balfe*, passou para a história da Marinha do Brasil como tendo sido o principal responsável pelo salvamento dos ainda mortos-vivos naufragos do nosso querido Cruzador *Bahia*, o *Velhinho*, como carinhosamente era chamado na Marinha. Os mortos do *Bahia* totalizaram 17 oficiais e 315 praças.

Restam-nos duas perguntas: primeira, qual a causa da explosão que acarretou tanta tragédia? Segunda, qual a razão da demora na prestação do socorro aos naufragos?

Ambas receberam ao longo das discussões, que até hoje se arrastam, versões diferentes e são abordadas de maneira circunstanciada pelo autor.

Estudioso do que se passou naquele período crítico para a nossa Nação, o Raul Barreto Neto não passou despercebido o relevante papel desempenhado pela Marinha do Brasil e pela Marinha Mercante brasileira em um país desprovido, à época, de malha rodoviária e com ferrovias de pouca significação para a troca de mercadorias neste País continental. A ausência das atuações, mesmo que precariamente, da Marinha do Brasil e da Marinha Mercante brasileira significaria o prenúncio do colapso logístico e suas conseqüências econômicas.

Raul Coelho Barreto Neto, que nos enche de orgulho pelo orgulho que tem de pertencer a uma família de gente de Marinha, não optou pela vida no mar, mas divisa-o com respeito e veneração. Em seu primeiro livro, já desponta como um escritor a ser respeitado, com promissor futuro capaz de cativar o leitor pela leitura amena, sincera e verdadeira. A vontade de immortalizar os momentos adversos vividos por seu avô tornou realidade este excelente livro de memórias. É uma obra que há muito se fazia necessária. Foi escrito nos últimos momentos, pois os sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, já com idades avançadas – na faixa dos 80, 85 anos – , ainda muito alertas, vivem in-

tensamente em pensamentos suas lembranças. Poucos são os que têm forças para escrever seus sábios ensinamentos, mas Raul Barreto Neto o faz com intensa devoção, excelsa competência, historiador que é formado pela Universidade Católica da Bahia.

Sua Excelência, o Almirante Renato de Almeida Guillobel, Ministro da Marinha de Getúlio Vargas e Comandante do Contratorpedeiro *Marcílio Dias*, durante a Segunda Guerra Mundial, assim se refere aos mortos da Marinha durante as operações de guerra no mar:

“Elevemos o nosso pensamento em homenagem aos nossos bravos marujos, cujos restos mortais vagueiam ao sabor das ondas, tendo apenas para lhes abençoar a última morada, o signo resplandecente do Cruzeiro do Sul, mas seus nomes hão de viver para sempre no coração da Pátria estremecida e o marulhar constante das águas do oceano há de cantar eternamente sua glória.”

Flores ao Mar é uma narrativa escrita com grande charme, que prende o leitor, romântica por vezes, mas também cruel, pois cruéis sempre foram, para uns poucos, as conseqüências das guerra.

Raul Coelho Barreto Neto, que bons ventos e mares bonançosos o inspirem a novas realizações. A historiografia certamente o absorverá para grandeza dessa terra baiana de numerosos talentos e incontestada tradição cultural!